# Books Reviewed (in Print)

**Newcomb, Robert Patrick.** Nossa *and* Nuestra *América: Inter-American Dialogues.* West Lafayette, IN: Purdue UP, 2012. viii + 265 pp. Appendix. Notes. Works Cited. Index.

Downloaded from by guest on September 13, 2026. Copyright 2016

Após décadas de questionamento das fronteiras rígidas que circunscrevem as identidades nacionais e regionais, tornou-se possível retomar a história intelectual que deu forma aos mapas cognitivos com que ainda hoje trabalhamos: América Latina, América hispânica, Brasil, etc. Se a "América Latina" é um conceito que aponta para a França do século XIX, ele se atualiza nas várias ondas de "americanismo" que varrem o século XX, das discussões em torno do hispano-americano como reação ao imperialismo estadunidense, a partir de 1898, até pelo menos o contexto da guerra fria, em que se inscrevem os chamados *area studies,* cuja força segue marcando o campo acadêmico anglófono, com seus programas de estudos latino-americanos e/ou ibéricos fazendo par a centros de estudos globais e regionais. Tal quadro seria inexplicável sem o sabor das polêmicas em torno da mundialização do saber (*world history, world literature,* etc.), já que é por meio dela que se compreendem novas formas de discussão das identidades coletivas, bem como o alargamento da perspectiva comparativa, num marco em que a nação não basta.

O livro de Robert Patrick Newcomb, Nossa *and* Nuestra América, veio em bom momento engrossar essas tendências, fortalecendo um campo que vem identificado no subtítulo: "*Inter-American Dialogues.*" Se por um lado não se trata de simples reiteração de um impulso pan-americanista, por outro lado tal campo é impensável sem o desejo de compreensão das Américas como palco de um pensamento plural sobre o "americano." Tal desejo atravessa o livro e a produção de Newcomb, que não se dobra às fronteiras regionais nem às tradições que ajudaram a pensar as nações hispano-americanas—e o Brasil, especialmente—a partir do signo da unidade. O "americano" se abre tanto à discussão sobre a produção autóctone das várias partes do continente, quanto se desdobra em matrizes europeias—sejam elas ibéricas ou não. Em quase todos os casos, trata-se de uma triangulação que inclui a tensão entre ex-metrópoles e ex-colônias, com um terceiro vértice espreitando a partir dos Estados Unidos.

Para dar conta de tal complexo, e dos mapas que se propõem a partir dele, Newcomb traça a história do pensamento sobre a "excepcionalidade" brasileira


ISSN 0024-7413, © 2016 by the Board of Regents of the University of Wisconsin System

Downloaded from by guest on September 13, 2026. Copyright 2016

e as contracorrentes que postulam a unidade luso-hispânica, valorizando o papel "necessarily problematic" que o Brasil desempenha ao oferecer um contrapeso à retórica continentalista em que se nutriu boa parte do "Spanish American nationalist-exegetic discourse" desde o século XIX (5).

O primeiro capítulo, intitulado "Counterposing *Nossa* and *Nuestra América*", mapeia as tentativas de atribuir coerência à linhagem latino-americana, da cunhagem romântica do termo à sua complexificação em autores contemporâneos, passando pelo ceticismo tardio de um Manoel Bomfim, pela complexa situação do Caribe como área insular em que os princípios que reclamam o gênio nacional e regional dificilmente se sustentam, pela verve de um Martí, ou pelo horizonte crítico de Ángel Rama. A análise conflui para o "excepcionalismo" brasileiro, de suas raízes oitocentistas a manifestações mais recentes, sem deixar de lado autores fundamentais como Eduardo Prado, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Vianna Moog ou Gilberto Freyre. Ao fim, o estudo mais detido de Simón Bolivar e José Bonifácio dá senha para compreender como se constroem as diferenças que marcariam as tradições intelectuais na sua longa duração: "It is not an exaggeration to state that without Bolívar, texts like Rodó's *Ariel* and Reyes's *Última Tule* would be impossible, as would Nabuco's *Balmaceda* and Buarque's *Raízes do Brasil* without Bonifácio" (43). Ressalto aqui a breve e excelente análise do conservadorismo de Bonifácio e sua defesa de uma "monarquia temperada" (54), verdadeiro caudal que alimentará inúmeras interpretações do Brasil como dotado de um gênio político a um só tempo dócil e carente de um guia paternal.

O segundo capítulo, "José Enrique Rodó: 'Iberoamérica,' the *Magna Patria,* and the Question of Brazil," é um cuidadoso apanhado da imaginação de Rodó em torno dos motivos ibero-americanos, com a projeção de um continente que incluiria inelutavelmente o Brasil. Mais que o idealismo de corte finissecular e elitista que caracteriza o grande nome do arielismo na América Latina, trata-se de capturar, na rede de seus escritos, os momentos em que a "*raza española*" se impõe e engloba a porção lusófona da América, senão no plano político, no cultural ao menos (64–65), como se a predicação continental de Bolívar se estendesse, com Rodó, a todo o território americano de ascendência ibérica, expandindo também o império de Ariel, e fazendo frente à águia americana e seu intolerável utilitarismo. A inclusão do Brasil como representante da outra águia—ibero-americana—se dá também a partir de uma concepção romântica da língua e de sua evolução na velha Hispania, com o português suavizando e matizando a dureza brônzea do castelhano (81).

No terceiro capítulo, "Joaquim Nabuco: Monarchy's End and the 'South Americanization' of Brazil," Newcomb demonstra, à luz das preocupações de Nabuco com a "sul-americanização" do Brasil, como o temor diante da incógnita republicana mal esconde a crença num passado de estabilidade monárquica, que ele projeta sobre a estável e idealizada "república parlamentar" chilena. O liberalismo ilustrado de Nabuco se explica mediante o quadro de sua formação e leituras, que resultam no abolicionismo de corte inglês, eivado pelos preconceitos de sua classe e seu tempo. A figura de Balmaceda, enfim, encontraria nas

Downloaded from by guest on September 13, 2026. Copyright 2016

*Cartas chilenas* de Gonzaga o seu equivalente no Fanfarrão Minésio, também ele prova de que a ebulição revolucionária leva ao descalabro (118–119). A valorização da experiência parlamentar chilena que emerge da vitória sobre o "aspirante a ditator" figura então em paralelo à profunda descrença, no âmbito doméstico, em Floriano Peixoto e na desprezível—para Nabuco, e para grande parte da historiografia do pós-abolição no Brasil—república dos "marechais" (127).

O quarto capítulo, "Alfonso Reyes: Culture, Humanism, and Brazil's Place in the American Utopia," apresenta o autor mexicano à luz de sua formação ateneísta, com a valorização "humanista" e anti-positivista do legado greco-romano filtrado pela experiência e pela língua hispânicas, o que faz Newcomb pensar em paralelos com a geração de 98 na Espanha e a geração de 70 em Portugal (139). A noção de harmonia oriunda desse complexo político-ideológico comandará a concepção orgânica do hispano-americano, e o temor a quaisquer cortes abruptos na linha da tradição, o que associa Reyes a uma linhagem que defende a constitucionalidade liberal contra o arbítrio do poder pessoal. Nos seus termos, num embate com as ideias de Lamartine, "Los profetas suelen ser guías peligrosos" (145). Um parêntese na argumentação permite a Newcomb discutir o "humanismo crítico" de Reyes e reagir com brio (e aqui novamente eu diria: com desejo) à noção empobrecedora que atribui à tradição ateneísta, por exemplo, simples desengajamento. Nesse sentido, *Última Tule* seria a expressão de um horizonte utópico americano em que figura o Brasil, que aparecerá também no correio literário *Monterrey,* que Reyes manteve quando embaixador mexicano no Rio de Janeiro. A tradução "a meias" surge então como a ponte que liga idiomas separados mas próximos, evocando o desejo de trazer para o âmbito hispânico o português com que Reyes convivia, embora aparentemente não o falasse, considerando-o uma "telaraña permeable para el español" (176).

No quinto capítulo, "Sérgio Buarque de Holanda: Obscured Roots of Rodó in *Raízes do Brasil,*" o pouco estudado "arielismo" juvenil de Sérgio Buarque é retomado, com vistas a uma análise mais nuançada do horizonte "americano" que se projeta na imaginação do jovem autor, e que, a partir de 1936, desaguaria nas reflexões sobre o americanismo inconcluso em *Raízes do Brasil.* Do ponto de vista de um estudioso de Sérgio Buarque, este capítulo pode dar a impressão de que Newcomb "puxa" para trás a compreensão do ensaísta de 1936, sobrevalorizando a matriz arielista com que ele flertara na juventude. Mas, de uma ou outra forma, trata-se de um criterioso levantamento do anti-americanismo (como oposição à matriz estadunidense) de Sérgio Buarque em sua difusa busca pelo sentido da experiência ibero-americana. Tal busca, argumenta Newcomb, conecta o ensaísta a raízes românticas que, com poucas exceções, são deixadas de lado pelos leitores, que privilegiam a matriz modernista brasileira em sua procura do autóctone, sem atentar para a longa duração da pergunta sobre um sentimento íntimo americano. A desistência de escrever uma *Teoria da América* (projeto falhado de que se originaria *Raízes do Brasil*) marcaria, enfim, a oscilação entre considerar ou não a experiência hispano-americana no pronome possessivo "nossa," utilizado por Sérgio Buarque até a década de 1930. Uma oscilação

que pode se estender à crítica brasileira, nem sempre disposta a familiarizar-se com o universo hispano-americano, a despeito dos diálogos intersticiais que o Brasil pode entreter com "nossa América," como bem demonstra este livro.

Ao fim, a brilhante contribuição de Newcomb pode gerar uma pergunta cândida: um livro como Nossa *and* Nuestra América: *Inter-American Dialogues* poderia ter sido escrito fora dos Estados Unidos? Em outras palavras: é possível compreender a discussão sobre sociedades ibero-americanas sem levar em conta o ângulo norte-americano que a um só tempo assombra e permite inquirir a inteireza presumida da América Latina?

*Pedro Meira Monteiro*
Princeton University

Downloaded from by guest on September 13, 2026. Copyright 2016

**Treece, David.** *Brazilian Jive: From Samba to Bossa and Rap.* London: Reaktion, 2013. 232 pp. Chronology. Glossary. Bibliography. Discography. Filmography.

In this volume, David Treece pursues Brazilian social, political and historical connections through a particular focus on music-making practices. His narrative weaves together several decades of Brazilian cultural history, with a primary focus on the genres of samba, bossa nova, popular Brazilian music (MPB) and Brazilian rap. Treece connects his own observations with the writings of Brazilian professors and composers José Miguel Wisnik and Luis Tatit, and compares and contrasts these to concepts derived from linguistic studies, neuroscience, and cultural studies, among others. By focusing on the study of music in terms of a shared historical and social phenomenon across generations, Treece argues that music *and* text should be studied on equal terms, as opposed to focusing solely upon linguistic communication as a primary text, while subjugating music to a secondary-tier of importance. He advocates that music is used to establish, sustain, and reinvigorate individual and group cultural identity, which helps to overcome alienation and isolation by dominant groups. As a result, he posits that musical genres such as bossa nova have remained strong over the decades because they embody a hybrid approach to music making and performance that combines African-derived traditions (such as circular modal themes or interlocking/overlapping rhythmic/verbal elements) with forward-moving tonal progression and modulation of contemporary musical practice descended from European traditions. Through analysis of bossa nova over several decades, he introduces the term "suspended animation," which is a "delicately sustained integration of contrapuntal forces shifting endlessly between tension and resolution" (67). As a result, he suggests that one cannot isolate individual elements (e.g. melody, harmony/harmonic rhythm), and the music can be devalued if any of these components are out of balance with one another. As a means to capture this visually, Treece displays selected lyrics on a vertical scale (rather than in a straight line) in order to highlight the direction of melodic movement, affording the opportunity for information to be interpreted by all readers, regardless of